

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE DOCÊNCIA A PARTIR DA PALAVRA ESTÍMULO “PROFESSOR”

SOARES, Norma Patrícya Lopes – UFPI
npaty@uol.com.br

CARVALHO, Maria do Rosário de Fátima de – UFRN
rofacarvalho@gmail.com

Introdução

As mudanças que vêm se propagando no campo educacional nos últimos anos, provocadas pelas transformações do mundo globalizado, têm acarretado um processo de mudanças profundas nas funções sociais e nos papéis profissionais que eram tradicionalmente atribuídos aos professores. Essa realidade remete-nos aos estudos recentes sobre saberes profissionais, competências docentes, profissão, profissionalização, profissionalismo e profissionalidade, conceitos que encerram significados atribuídos à formação e atuação do docente. Assim, o interesse em pesquisar as Representações Sociais de Docência para os alunos de Pedagogia, Letras e Biologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus de Picos (instituição de trabalho desta pesquisadora), surgiu da necessidade de elucidar os sistemas de significação que são socialmente produzidos, partilhados e enraizados neste grupo de alunos que se prepara para exercer a docência, a fim de apreender elementos subjacentes às suas ações e interações sociais.

Decidiu-se pela teoria das Representações Sociais (RS) com base no pressuposto de que estas (RS) são fenômenos complexos sempre ativados e em ação na vida social, envolvendo elementos informativos, cognitivos, ideológicos, crenças, valores, atitudes e imagens que são organizados num saber que diz algo sobre a realidade sob exame, enquanto totalidade significante. Como segundo pressuposto afirma-se as RS como unidade de análise, com potencial para descrever, analisar e explicar o objeto de estudo dessa pesquisa nas suas dimensões, estruturais.

Como abordagem complementar à grande teoria foi criada, em 1976, por Jean Claude Abric, a Teoria do Núcleo Central que tem por função unir e dar significado aos elementos da representação. Como suporte metodológico à identificação do núcleo central utilizou-se a Técnica da Associação Livre de Palavras (TALP), também desenvolvida por Abric e que se baseia nas palavras evocadas livremente pelos participantes, as quais são hierarquizadas pelo software EVOC 2000, programa disponibilizado por Vergès.

Sobre Representações Sociais

A teoria de base que sustenta essa investigação assenta-se nas formulações iniciais de Serge Moscovici que postulou, na França dos anos 50 do século XX, que as RS são elementos simbólicos que os homens expressam mediante o uso de palavras e ações. No caso de uso de palavras, utilizando-se da linguagem oral ou escrita, os homens explicitam o que pensam, como percebem esta ou aquela situação, que opinião formulam acerca de determinado fato ou objeto, que expectativas desenvolvem a respeito disto ou daquilo, e assim por diante.

A representação em si (a imagem) consiste em modelar o que é dado do exterior na medida em que os indivíduos e os grupos se relacionam, ou ainda é o resultado do que a mente produz (a concreticidade) através dos sentidos, da imaginação, da memória ou do pensamento. Nesse momento a linguagem se aproveita para circunscrever e arrastar o objeto representado para um fluxo de associações e impregná-lo de metáforas e projetá-lo em seu verdadeiro espaço que é simbólico. Assim, a representação fala, mostra, comunica e exprime, ou seja, “é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos”. (MOSCOVICI, 1978, p. 26).

Conceituar as Representações Sociais não é tarefa simples devido à sua complexidade. Ela ocupa uma posição mista na encruzilhada de uma série de conceitos sociológicos e de outros psicológicos. Além disso, o próprio Moscovici resiste em apresentar um conceito por acreditar que pode resultar na redução do seu alcance.

Segundo Nóbrega (2001, p. 61),

A razão dessa mudança terminológica se justifica, de um lado, pela diversidade da origem tanto dos indivíduos quanto dos grupos, por outro lado, pelo reconhecimento da importância da comunicação enquanto fenômeno que possibilita convergir os indivíduos (apesar de, e por causa da divisão social do trabalho) numa rede de interações em que qualquer coisa individual pode tornar-se social, ou vice-versa.

Para Moscovici (2009, p. 209-210),

(...) *estaticamente*, as representações sociais se mostram semelhantes a *teorias* que ordenam ao redor de um tema (as doenças mentais são contagiosas, as pessoas são o que elas comem, etc.) uma série de proposições que possibilita que coisas ou pessoas sejam classificadas, que caracteres sejam descritos, seus sentimentos e ações sejam explicados e assim por diante. [grifo do autor].

Assim, as representações sociais existem praticamente independentes, são quase palpáveis, elas circulam, se cruzam e se cristalizam incessantemente através da fala das

pessoas, dos nossos gestos ou de nossos encontros em nosso universo cotidiano; correspondem, por um lado, à substância simbólica que penetra nessas elaborações e, por outro, à prática que produz a dita substância de tal elaboração, tal como a ciência ou os mitos correspondem a uma prática científica e mítica. Por não existir um corte entre o universo exterior e o universo do indivíduo, quando este emite uma opinião sobre um objeto se supõe que ele já representou algo desse objeto, ele buscou em sua memória uma imagem compatível a este objeto e a externou através de uma fala ou de um gesto. Representar uma coisa, um objeto, um estado, uma sensação, não significa simplesmente desdobrá-la, repeti-la ou reproduzi-la; é reconstituí-la, retocá-la, modificar-lhe o texto. A comunicação que se estabelece entre conceito e percepção, um penetrando no outro, transformando a substância concreta comum, cria a impressão de realismo, de materialidade das abstrações e de abstração das materialidades. Desse modo as representações individuais ou sociais fazem com que o mundo seja o que pensamos que ele é ou deve ser. (MOSCOVICI, 1978).

Em se tratando de sua gênese e de suas funções, as representações sociais podem ser relacionadas a três esferas de pertença: a da subjetividade, a da intersubjetividade e a da transubjetividade. De acordo com a teoria das representações sociais (Moscovici, 1961, 1976; Jodelet, 1989),

Toda representação social é relacionada a um objeto e a um sujeito. Os sujeitos devem ser concebidos não como indivíduos isolados, mas como atores sociais ativos, afetados por diferentes aspectos da vida cotidiana, que se desenvolve em um contexto social de interação e de inscrição. A noção de inscrição compreende dois tipos de processos cuja importância é variável segundo a natureza dos objetos e dos contextos considerados. Por um lado, a participação em uma rede de interações com os outros, por meio da comunicação social – aqui eu me refiro ao modelo da triangulação sujeito-outro-objeto proposto por Moscovici. (JODELET, 2009).

Por outro lado, a pertença social deve ser definida em vários níveis: o lugar na estrutura social e a posição nas relações sociais, a inserção nos grupos sociais e culturais que definem a identidade, o contexto da vida onde se desenrolam as interações sociais, o espaço social e público. Segundo Jodelet (2009) as representações, que são sempre de alguém, têm uma função expressiva. Seu estudo permite acessar os significados que os sujeitos, individuais ou coletivos, atribuem a um objeto localizado no seu meio social e material, e examinar como os significados são articulados à sua sensibilidade, seus interesses, seus desejos, suas emoções e ao funcionamento cognitivo.

De acordo com Moscovici (2009, p. 54) “*a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar,...*”. [grifo do autor]. A dinâmica das relações é uma dinâmica de familiarização, por isso durante esse processo fazemos uso da memória e “esta prevalece sobre a dedução, o passado sobre o presente, a resposta sobre o estímulo e as imagens sobre a realidade” (2009, p. 55). O não-familiar atrai e intriga as pessoas ao mesmo tempo em que as alarma e as obriga explicitar os pressupostos necessários ao consenso. O medo do estranho está profundamente enraizado nos seres humanos, e a mudança, o novo é

uma ameaça é insuportável, assim tendemos a rejeitar o que ameaça a ordem estabelecida. Não é fácil transformar o não-familiar (palavras, coisas, seres, idéias) em familiar, próximo e comum. Para ocorrer esta passagem dois processos se tornam necessários: a ancoragem e a objetivação. Por ancoragem entendemos “um processo que transformar algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada”. Por objetivação entendemos “transforma algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico”. (MOSCOVICI, 2009, p. 61). Ancorar é dar nome a alguma coisa, é classificar. Ao ancorarmos estamos tornando idéias estranhas em imagens comuns, familiares. Através da classificação do que é inclassificável e de dar nome ao que antes não tinha nome, nós estamos imaginando e representando, pois a representação consiste neste processo de classificação e denotação, de alocação de categorias e nomes. A classificação significa “confinarmos a um conjunto de comportamentos e regras que estipulam o que é, ou não é, permitido, em relação a todos os indivíduos pertencentes a esta essa classe”. Já categorizar significa “escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele”. (MOSCOVICI, 2009, p. 63). Nomear algo significa tirá-lo do anonimato, incluí-lo em um contexto, localizá-lo, dar uma identidade em uma cultura.

Objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma idéia, é reproduzir um conceito em uma imagem. Nem todas as palavras podem ser ligadas a imagens, mas todas as imagens podem conter realidade e eficiência. Se existem imagens e se elas são essenciais para a comunicação e compreensão social é porque elas não existem sem realidade; assim aquelas se tornam elementos da realidade e não elementos do pensamento. A cultura nos leva a construir realidades a partir de idéias significantes e cada cultura possui seus instrumentos próprios para transformar representações em realidade, porém não são únicos. Assim, objetivamos tudo que encontramos, personificamos sentimentos, classes sociais, etc. E, ao escrevermos, estamos personificando a cultura. Para Nóbrega (2001, p. 73) a objetivação “consiste em materializar as abstrações, corporificar os pensamentos, tornar físico e visível o impalpável, enfim transformar em objeto o que é representado”. As representações tornam o não-familiar em familiar e para tanto utilizamos a memória. Estas não são inertes nem mortas, pelo contrário são dinâmicas e imortais. Nesse sentido os processos acima descritos – ancoragem e objetivação – são maneiras de lidar com a memória. A ancoragem mantém a memória em movimento, pois está sempre pondo ou tirando objetos, palavras, acontecimentos, pessoas e os classificando, categorizando e pondo nomes. A objetivação tira da memória conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior tornando o não-conhecido em conhecido a partir do já conhecido.

Como as representações sociais estão imersas em um movimento contínuo e incessante de comunicação elas possuem sistemas indutores de circulação dessas informações, ou seja, a difusão, a propagação e a propaganda. De acordo com Nóbrega (2001, p. 80) “cada uma dessas formas de comunicação tem por efeito a produção de representações sociais específicas, conforme a dinâmica das intenções realizadas entre os sujeitos e o objeto articulado no âmbito do pensamento social”. Assim, a difusão pode ser caracterizada por uma indiferenciação dos laços entre emissor e receptor da mensagem, uma vez que os temas são fragilmente ordenados entre eles, os diferentes pontos de vista podem ser contraditórios. Esta

noção é reatada à acepção de opinião. A propagação, ao contrário da difusão, já exige mais organização mais complexa das mensagens. Esta modalidade de comunicação tem propriedades semelhantes às do conceito de atitude.

A Teoria do Núcleo Central se originou a partir das pesquisas experimentais de Jean-Claude Abric no ano de 1976 onde é afirmado que “toda representação está organizada em torno de um núcleo central (...) que determina, ao mesmo tempo, sua significação e sua organização interna” (1994a, p. 73 apud SÁ 1996, p. 67). Para o autor, o Núcleo Central (NC) é “um subconjunto da representação composto de alguns elementos, cuja ausência desestruturaria a representação ou lhe daria uma significação completamente diferente”. É o NC que assegura o cumprimento de duas funções essenciais: a função geradora – elemento pelo qual se cria ou se transforma a significação dos outros elementos; a função organizadora – elemento unificador e estabilizador da representação. O núcleo central é o elemento que mais vai resistir à mudança. (SÁ, 1996).

Resumindo podemos dizer que o Núcleo Central determina o significado, a consistência e a permanência de uma representação social e resiste à mudança já que toda modificação do núcleo central provoca transformação completa da representação. Deprendemos, portanto, que o núcleo estruturante indica o consenso de um grupo (função consensual ou consenso funcional) e contribui para a continuidade e permanência da representação.

Sobre Formação Docente

Estudar sobre a profissão docente implica inicialmente fazer um levantamento do significado dos termos ‘profissão’ e ‘docente’ para se chegar a uma possível compreensão da expressão. A literatura sobre formação de docentes tem analisado, nestes processos de formação, como um aprendiz pode chegar a ser um profissional. Assim, pode-se definir a profissionalização

como um processo no qual uma ocupação organizada, normalmente, mas nem sempre em virtude de uma demanda de competências especiais e esotéricas, e da qualidade do trabalho, dos benefícios para a sociedade, obtém, o exclusivo direito a executar um tipo particular de trabalho, controlar a formação e o acesso, e controlar o direito para determinar e avaliar as formas de como realizar o trabalho (RAMALHO, NUÑEZ, GAUTHIER, 2004, p. 39).

Em outras palavras profissionalização pode ser considerada como a transformação de uma ocupação em profissão, a busca de um reconhecimento da especificidade dessa ocupação, a legitimação de espaços de autonomia e um *status* social. Já o termo ‘profissão’ pode ser entendido, com base em Tardif e Lessard (2008) como o controle, por parte dos trabalhadores, de seu campo de trabalho e o acesso a ele através de uma formação superior, além de uma autoridade sobre a execução de suas tarefas e os conhecimentos necessários à sua realização. Ainda com base em Tardif (2010, p. 36), podemos definir o saber docente

“como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais”.

Iniciando a discussão sobre trabalho docente o entendemos como um processo que envolve formação política, manifestação ética, capacitação científica e técnica. É um trabalho realizado por profissionais, geralmente, formados em nível superior ou médio que para trabalhar necessitam de um credenciamento (concurso), são controlados, avaliados, possuem sindicato, sua ação é regida por certa racionalidade, seguem regras (o que os burocratiza), convivem com ambigüidades, incertezas, limitações e possibilidades o que os leva a realizar e refletir sobre sua atividade. O trabalho docente “é uma das mais antigas ocupações modernas” (TARDIF e LESSARD, 2008, p. 21). E a maioria da população mundial está envolvida com esta profissão, seja como aluno, seja como professor. O trabalho do professor configura-se como uma das profissões com o maior número de profissionais e indispensáveis ao contexto atual.

Convém ressaltar que o trabalho docente não se limita nem as atividades de classe, nem às relações com os alunos, embora essas relações sejam essenciais ao exercício da profissão. A docência vai além do contexto escolar, participa do contexto social situado tanto dentro quanto fora da escola e é ao mesmo tempo uma atividade individual e coletiva. Por essa razão o docente se assemelha a um ator social que negocia diariamente com seus alunos, colegas de trabalho e demais agentes educativos. Constata-se, portanto, que o trabalho docente é uma construção social realizada por profissionais com formação específica, de forma individual ou coletiva, que buscam interesses que lhes são próprios e que por razões diversas colaboram numa mesma instituição.

Sobre a Pesquisa

Analisar as representações sociais dos alunos dos Cursos de Pedagogia, Letras e Biologia, da Universidade Federal do Piauí, Campus da cidade de Picos, apresenta relevância social, pois pode significar o início de um caminho em que outros pesquisadores também trabalhem nesta mesma perspectiva a fim de caracterizar seu corpo discente e seus cursos de formação de professores. E com base nessas pesquisas propor uma formação inicial e continuada voltada para as demandas específicas locais.

Partindo do reconhecimento de que o professor é um ator social que partilha, em sua trajetória de atuação docente, de experiências e saberes, dada a sua historicidade como um ser inacabado e em contínuo processo de formação, este texto foca sobre o arranjo estrutural dos elementos representacionais, a partir de uma das palavras-estímulo da pesquisa, a palavra ‘professor’. Pretende-se por meio deste estudo localizar alguns acontecimentos da vida pessoal desses sujeitos e o processo de suas formações profissionais para que se possa fazer a análise dessas representações, ou seja, “procuraremos isolar quais representações são inerentes nas pessoas e objetos que nós encontramos e descobrir o que representam exatamente”. (MOSCOVICI, 2009, p. 36).

O total de sujeitos pesquisados foram 100 alunos do 1º ano dos cursos de licenciatura, sendo 30 de Pedagogia, 42 de Letras e 28 de Biologia. O ponto de partida da pesquisa foi a aplicação da Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) dado o seu caráter espontâneo e menos controlado e por permitir o acesso aos elementos constituintes do objeto estudado. Seu uso justifica-se pelo seu caráter projetivo, pois permite ascender, pelas vozes dos participantes da pesquisa, os elementos constitutivos do universo semântico sobre o objeto de estudo, seu conteúdo e sua organização. Em outras palavras a TALP “permite atualizar elementos implícitos ou latentes que seriam sufocados ou mascarados nas produções discursivas” (ABRIC, 2001, p. 59). Em nossa pesquisa utilizamos três palavras geradoras: DAR AULA, ALUNO e PROFESSOR. A partir dessas palavras cada sujeito escrevia as quatro palavras que primeiro lhes viessem à mente sobre a palavra geradora. Em seguida solicitamos aos alunos que hierarquizassem as palavras evocadas em ordem de importância. O restante do questionário era de questões fechadas para levantamento de informações pessoais e profissionais.

A pesquisa de referência deste texto integra o Projeto de pesquisa sobre Representação Social de Trabalho Docente coordenado pelo Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade – Educação (CIERS-Ed) apoiado pela Fondation Maison des Sciences del’ Homme (França) que tem como objetivo realizar investigações científicas no âmbito da educação por meio do estudo da teoria das representações sociais em articulação com outros referenciais teórico-metodológicos de modo a analisar e refletir sobre os processos educacionais, bem como seus conseqüentes sociais, desenvolvidos em instituições de ensino.

Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa

O procedimento selecionado para caracterizar os participantes desta pesquisa foi o mesmo adotado pelo CIERS-Ed – o questionário de questões fechadas acima referido. Constata-se uma preponderância significativa do sexo feminino, ou seja, 83% dos sujeitos são mulheres e apenas 17% são homens, à semelhança dos percentuais gerais encontrados na pesquisa do CIERS-Ed, segundo Sousa, Pardal e Villas Bôas (2009). Com relação à idade, os 100 estudantes se distribuem nas seguintes faixas etárias: 45% possuem entre 17 e 19 anos de idade; 37% estão na segunda faixa, entre 20 e 23 anos de idade; 13% possuem entre 24 a 30 anos de idade; e apenas 5% estão na última faixa etária acima dos 31 anos de idade. Isso revela que quase 50% dos sujeitos pesquisados são jovens com menos de 20 anos de idade, de acordo também com os achados de Sousa, Pardal e Villas Bôas (2009). Quanto à pretensão de lecionar imediatamente depois de formado, 87% dos alunos afirmam pretender lecionar depois de formados e apenas 13% não ter essa pretensão. Pode-se atribuir o alto percentual de aceitação, talvez, à oferta de emprego na área educacional, que é das maiores no município onde fora realizada a pesquisa. Quanto ao menor percentual pode estar ligado ao desejo de obtenção do grau de Bacharelis como relataram alguns entrevistados. “... eu não quero parar como professor, eu quero me aperfeiçoar mais, não quero ficar só na Licenciatura, quero me expandir mais, quero me especializar e tal” (S1).

Já que Medicina é um curso muito caro e eu não tô podendo pagar, então eu tô começando por baixo. Eu resolvi escolher o curso de Biologia por ter vários espaços no mercado, posso trabalhar na genética, com clínicas, laboratórios. É por isso que eu escolhi o curso de Biologia, eu poderia escolher outro curso, queria escolher Bioquímico mesmo, porque Bioquímico pra mim é mexer com aquelas fórmulas químicas, fazer remédios, porque o meu sonho é o que? É ser Bioquímico e abrir uma farmácia de manipulação aqui em Picos (S2).

(...) eu gosto da natureza, assim eu também pretendo me especializar na área da genética pra ter um futuro mais alto (...) eu sei da área, de como a gente pode trabalhar além de lecionar. Tem várias opções que se você não quiser lecionar, você pode se especializar em diversas áreas também (S3).

Ainda com base no questionário, 65% dos sujeitos pesquisados supõem que seus amigos acham valer a pena ser professor, percentual muito próximo aos 73% do conjunto geral de sujeitos da pesquisa, de acordo com Souza, Pardal, e Villas Bôas (2009). Os 35% restantes supõem que seus amigos e familiares não crêem que vale a pena ser professor.

O Núcleo Central de Professor

Os dados obtidos a partir do mapa gerado pelo EVOC, com relação à palavra estímulo PROFESSOR, levam a constatar que o Núcleo Central (NC) é constituído pelos termos educador, ensinar e mestre. Esse fato leva o pesquisador a inferir que os sujeitos pesquisados atribuem ao professor as características de um educador e de um mestre que ensina. Como não fora solicitado aos sujeitos justificarem a escolha das evocações é difícil inferir o porquê do uso ora de um termo ora de outro (mestre, educador) para um mesmo sujeito o professor.

Os periféricos próximos (quadrante superior direito e quadrante inferior esquerdo) encontram-se em branco. Isso leva a crer que a representação social de professor encontra-se numa situação extremada, pois as demais palavras que surgem no mapa estão no quadrante oposto (inferior direito) que são exatamente as palavras que estão saindo ou as que são novíssimas e ainda não foram absorvidas pela célula representacional, nesse caso são os termos: amigo, conhecimento, inteligente, profissional e sabedoria.

Assim, podemos fazer a leitura de que o professor é um mestre, um educador que ensina com sabedoria, é um amigo que tem conhecimento e é inteligente.

Na figura 1 é possível identificar os principais elementos da representação social de docência e a maneira como esses elementos estavam organizados para a construção dos sentidos que mobilizavam. Veja:

FI ≥ 15 e OM < 4,5			FI ≥ 15 e OM ≥ 4,5		
educador	26	3,962			
ensinar	24	3,792			
mestre	22	3,773			
FI ≥ 9 e < 14 e OM ≥ 4,5			FI ≥ 9 e < 14 e OM ≥ 4,5		
			amigo	9	4,778
			conhecimento	9	4,667
			inteligente	10	5,200
			profissional	10	4,500
			sabedoria	14	4,643

Figura 1: Distribuição dos elementos da representação social de docência a partir da palavra estímulo professor com suas respectivas freqüências e ordens médias de evocações

Fonte: Dados do pesquisador obtidos a partir da TALP

Considerações Finais

O mapa elaborado pelo *software* EVOC (2000) explicita o NC de PROFESSOR enquanto manifestação do pensamento social deste conjunto de licenciandos da UFPI, campus da cidade de Picos, permeado de crenças coletivamente produzidas e historicamente determinadas, devendo ser respeitadas, posto que elas são o fundamento dos modos de vida e garantem a identidade e a permanência desse grupo social (SÁ, 1996). Lembremos que o núcleo central corresponde ao que Moscovici (1978) denomina de parte não negociável da representação social e Abric (1994), o considera a base comum e consensual de uma representação social, aquela que resulta da memória coletiva e do sistema de normas que rege o grupo. Entendendo que o núcleo indica o consenso de um grupo (função consensual) e contribui para a continuidade e permanência da representação, em torno deste NC, o sistema periférico indica as adaptações (objetivações e ancoragens) dos sujeitos em função do vivido no contexto de seus saberes curriculares, disciplinares e/ou experienciais. (TARDIF, 2010).

REFERÊNCIAS

Documentos Escritos

ABRIC, Jean-Claude. **Prácticas sociales y representaciones**. México: Ediciones Coyoacán, 2001.

JODELET, Denise. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, set./dez. 2009.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Representações sociais**: uma investigação em psicologia social. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NOBREGA, Sheva Maia. Sobre a teoria das representações sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes (Org.). **Representações sociais**: teoria e prática. João Pessoa: Editora Universitária, 2001, p.55-65.

RAMALHO, Betânia Leite; NUÑEZ, Isauro Beltrán; GAUTHIER, Clermont. **Formar o professor, profissionalizar o ensino**: perspectivas e desafios. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

SOUSA, Clarilza Prado; PARDAL, Luís António; VILLAS BÔAS, Lúcia Pintor Santiso. **Representações sociais sobre o trabalho docente**. Portugal: Universidade de Aveiro, 2009.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo central das representações sociais**. 2. ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações. Tradução de João Batista Kreuch. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

Documentos Sonoros (Digital Wav, Avi, Mp3)

S1. **Depoimento** [jul. 2008] concedido à pesquisadora Norma Patrícia Lopes Soares para realização de Tese de Doutorado.

S2. **Depoimento** [jul. 2008] concedido à pesquisadora Norma Patrícia Lopes Soares para realização de Tese de Doutorado.

S3. **Depoimento** [jul. 2008] concedido à pesquisadora Norma Patrícia Lopes Soares para realização de Tese de Doutorado.